



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, RJ, 23 DE DEZEMBRO DE 1999

Senhora Vice-Governadora do Estado do Rio de Janeiro, Senadora Benedita da Silva; que nos dá a honra da companhia e representa também o Governador Anthony Garotinho; Senhor Ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga; Senhor Presidente dos Correios, Egidio Bianchi; Diretores, Funcionários dos Correios do Rio de Janeiro; Dom Augusto José Zini, que representa nosso eminente Cardeal do Rio de Janeiro; Senhora Elizabeth Schumacker, Funcionária-Padrão dos Correios; Senhor Diretor regional; Senhoras e Senhores,

Ontem, em Volta Redonda, eu acionava um botão semelhante a este e, como consequência, vimos que estávamos gerando energia para adicionar à rede no Rio de Janeiro. Creio que, naquele instante, cerca de 230 megawatts. No conjunto, aquilo que foi feito daria para iluminar cidades com número de habitantes de cerca de 2 milhões e 500 mil.

Agora, aqui, ao pressionar este outro botão, disparamos um processo de seleção automática e inteligente de encomendas postais e de cartas. E tudo isso tem, realmente, um significado, já ressaltado pelo Ministro Pimenta da Veiga, de mostrar que o Brasil está encadeando uma

série de atos por esse Brasil afora, mencionei o Rio porque foi ontem, mas, praticamente toda semana, por esse Brasil afora, assistimos a marcos de transformação.

Quero lhes dizer que, de todas as transformações, para mim, a mais importante é aquela que diz respeito às mentalidades, à cultura do povo. Não apenas no sentido direto da transformação educacional, que é muito importante, e o Governo tem se empenhado em fazer aquilo que desde muito jovem ouvi daqueles com quem trabalhei, e trabalhei com alguns dos maiores educadores desse Brasil: Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes, Anísio Teixeira e por aí vai. Ouvia de todos eles que a grande questão educacional no Brasil eram o analfabetismo e a falta de escolas primárias, porque a escola primária é a escola do civismo, é a escola da cidadania, é o que permite o acesso das pessoas à consciência dos seus direitos cívicos, é, portanto, a condição da democracia.

Nesse sentido, certamente, também me apraz ver as transformações na educação formal, mas me refiro a outra coisa: à transformação das mentalidades. Tão ou mais importante – diria que mais – do que esse sistema de inteligência artificial é a vontade que está por trás dele, desde quem o imaginou até aqueles que o introduziram e que agora vão nele trabalhar.

Há no Brasil hoje uma consciência de cada cidadão e de cada cidadã dos seus direitos e das suas responsabilidades, e isso é o que conta. Esse novo Brasil não é apenas um Brasil que confia porque está vendo que ele está se inserindo no modo de produzir, que é contemporâneo, que está começando a mudar o panorama social para dar melhores condições de vida ao seu povo, mas é novo porque as pessoas sabem que é assim. E porque o fruto do trabalho de cada um é que está resultando numa convergência mais positiva para o país.

Hoje, graças também às transformações tecnológicas, não há um cidadão no Brasil, homem ou mulher, que não tenha consciência do que é preciso ser feito, do que foi feito, dos seus direitos, dos seus deveres, do que avançou e do muito que se precisa avançar.

Algumas pessoas vêem por todos os lados pessimismo. Eu não penso assim. Vejo por todos os lados realismo, gente que não está contente,

não porque não se faça, mas porque quer mais e porque tem direito a querer mais, porque falta muito por fazer. Mas esse muito por fazer está começando a ser feito, está sendo feito não como consequência apenas da ação de alguém, mas porque é uma ação coletiva, porque o Brasil cansou de ver a inércia, a impunidade, o não fazer nada, o cruzar os braços, o esperar que tudo venha de cima, que o Governo faça tudo, que se peça sem cessar e que não se dê nada. Houve um grande estadista que disse, sobre os Estados Unidos, que tinha chegado a hora de perguntar o que cada um dos americanos podia fazer pela América. Pois bem, é o caso nosso, dos brasileiros, nós estamos mais do que perguntando, estamos conscientes do que cada um de nós tem que fazer pelo Brasil. E esse fazer pelo Brasil vai desde a empregada-padrão, que fez e mostrou com sua garra, com sua capacidade de trabalho, com sua consciência e com sua competência que é possível ser mãe, ser funcionária, ser técnica e dedicar-se, ainda, à comunidade. Esse sentimento é que, realmente, marca essa mudança de mentalidade no Brasil.

Vê-se hoje em toda parte o trabalho voluntário. Hoje, em toda parte, se vêem organizações que não são do Estado, que não são empresas, mas se organizam para ajudar o País a avançar. É assim que os países se transformam. E se transformam sob a égide da democracia.

E aqui, no caso dos Correios, como bem mencionou o Doutor Egídio Bianchi, o sonho que nós tivemos, que foi corporificado pelo Sérgio Motta, continuado, como ele disse, pelo Mendonça, e agora pelo Pimenta, na verdade isso só pôde acontecer porque os funcionários perceberam que o caminho é certo, que há disposição e que há boa-fé. Essa é uma grande empresa, uma empresa pública.

Não sou daqueles que acreditam que só a empresa privada funciona. Não. A empresa pública bem gerida, bem motivada e no que lhe é próprio pode ser melhor até, e tem condições de competir com qualquer empreendimento. E os Correios estão mostrando isso. Estão mostrando essa capacidade. E não por acaso, ao entregar, ainda recentemente, em Brasília, o Prêmio de Qualidade Total, distinguimos dois setores: o setor privado e o setor público. Introduzimos no setor público o mesmo tipo de critério, para julgar a sua eficiência, com que se

julgam as empresas do setor privado. E o Correio esteve lá, ganhando medalhas, entre as empresas do setor público que desempenham bem seu papel. É competente, é dedicado.

Disse o Ministro Pimenta da Veiga – com razão – que o símbolo é o carteiro. Porque nesse Brasil imenso pode não ter banco, pode não ter empresa, pode não ter, às vezes, até a presença do Estado, mas tem o carteiro. Tem alguém que chega lá e leva, entrega uma mensagem. E a sociedade que nós estamos vivendo hoje é a sociedade da informação. A sociedade precisa do contato. E esse contato já não é face a face, já não é mais o contato primário, nem poderia ser. Depende da intermediação dessas máquinas. Mas não substitui a presença do ser humano por trás das máquinas antes das máquinas nascerem e para permitir que elas funcionem. Em certas circunstâncias, não há máquina que leve a carta num Brasil perdido. É preciso que as pessoas tenham a responsabilidade de, ao receber a carta, entregá-la.

Não por acaso um dos filmes mais penetrantes a que assistimos nos últimos tempos, que se chama *Central do Brasil*, tem como símbolo uma senhora que escreve cartas. E tem como atriz a grande Fernanda Montenegro, que passou a ser símbolo, também, de um Brasil que crê em si.

Hoje sabemos que é possível, crescentemente, substituir aquele escrever diretamente até por outros instrumentos. Acabei de ouvir que a Internet vai ser utilizada também no sistema dos Correios. Sei que há, em outros países, experiências muito interessantes na questão dos telefones. Permite-me aqui o Doutor Renato Guerreiro, Presidente da Anatel. Não sei se a regulamentação permite.

Há até experiências em que, ao invés de simplesmente ter-se um telefone de orelhão, tem-se um telefone móvel, com uma pessoa que vai acompanhando num carrinho, onde esteja, para servir à comunidade. Como agora são tantos números para a gente discar um telefone, e eu me atrapalho a toda hora, quem sabe eu pudesse ter a meu lado um desses carrinhos que ajudasse a telefonar.

Mas digo isso assim, em forma quase de brincadeira, mas o conteúdo é sério. É para dizer que todas as transformações não podem acontecer esquecendo-se do ser humano. E que, mesmo quando há um alto

desenvolvimento tecnológico, em certas circunstâncias é preciso que haja a complementação pela ação direta das pessoas.

Por todas essas razões, meus amigos, minhas amigas que aqui estão presentes, nesta manhã, no Rio de Janeiro, é que vim aos Correios. Vim para agradecer o esforço. Agradeço à pessoa do Doutor Egídio Bianchi. E, ao citá-lo, estendo o meu agradecimento a todos os funcionários dos Correios, porque tenho observado essa imensa obra de acompanhamento do ritmo grande dos nossos passos nacionais e vejo que os Correios, ao invés de ficarem um pouco indiferentes, como alguns temiam, pelo contrário, assumiram o desafio de caminhar com velocidade. Estão acompanhando e avançando até mais do que outros setores do Brasil.

E, ao dizer isso, quero deixar que a minha última palavra seja aquela que vai diretamente a cada um. Agradeço realmente, profundamente. Sei das dificuldades, sei das reivindicações, sei das impossibilidades. Mas tenho certeza de que é graças a vocês, a cada um de vocês, homens e mulheres que aqui trabalham, que continuamos crescendo.

Muito obrigado.